

# Por novos e antigos caminhos de Nisa

ANTIGO CAMINHO DE SIRGA, COM A PONTE FERROVIÁRIA EM SEGUNDO PLANO

“ É um percurso pedestre extraordinário que junta as pedras antigas com os reptos modernos, o comum à surpresa, a contemplação à aventura, e está lá, com quase tudo o que os adeptos dos percursos feitos no calcorrear da terra e a gastar solas desejam.

• MANUEL FERNANDES VICENTE

Está previsto para breve. Em Nisa. Logo que um desconfinamento mais em pleno o permita, e a vontade de voltar a caminhar e a subir montanhas desperte para novas experiências emocionais e para retirar um pouco do torpor acumulado nas pernas e sobretudo na cabeça. Anuncia-se já aos caminheiros hibernantes e mais ou menos militantes, a abertura ao país do novo Trilho da Barca D'Amieira. É um percurso pedestre extraordinário que junta as pedras antigas com os reptos modernos, o comum à surpresa, a contemplação à aventura, e está lá, com quase tudo o que os adeptos dos percursos feitos no calcorrear da terra e a gastar solas desejam. Há nele um surpreendente e histórico trajeto sobre os velhos muros de sirga, onde antigamente se puxavam para montante os barcos carregados no Rio Tejo, trilhos de passagem entre muros, passadiços em linha e escadarias de madeira com panoramas fascinantes sobre o Tejo, incluindo módulos de contemplação de paisagens bucólicas e de observação de aves, uma arrojada ponte pedonal suspensa sobre a Ribeira do Figueiró e um temerário miradouro transparente de vidro *Sky Walk* projetado sobre o Tejo e já com vistas para a barragem do Fratel e a confluência do afluente Ocreza com o Tejo. O transpor da ponte será para mim, com algum pendor para a vertigem das alturas, um verdadeiro desafio. Só quem as possui pode avaliar o sofrimento, mas sem estes enfrentamentos, a verdade é que também nada de excecional alguma vez sucederá. E avanço...

A adornar a nova senda turística de 3,6 quilómetros, que ficará institucionalizada com a designação de código PR11 NIS, há ainda que contar com o suave reportório do canto de melros-pretos, corvos e outros passeriformes residentes ou visitantes sazonais, o voo planado de algumas cegonhas e grifos, baloiços instagramáveis (para utilizar os novos conceitos nascidos no mundo virtual, que prolonga o real) e com alguns elementos escultóricos e pictóricos ligados à natureza e à memória coletiva do contemplado local. E ainda podemos acrescentar neste perímetro, feito contra a rotina, a azáfama das abelhas na extração do néctar da muita flora que ali encontram para levar para as colmeias, como que a lembrar-nos de que o sucesso dos nossos propósitos exige trabalho, persistência,

sentido coletivo (se pensarmos só em nós, nem em nós pensamos) e, mais ainda, sentir que devemos dar de nós o máximo, mesmo que apenas com pequenos passos, ritmo constante e até erros na direção. Como numa caminhada.

## Lembrando um possível massacre de pastores

Meto literalmente conversa, no Rossio da vila, com um pequeno grupo de quatro homens, nisorros de gema no carácter e na farpela, com sotaque típico e cantado, e já adentrados na poderosa casa dos oitenta. Contam-me traços de um episódio um pouco obscuro (ou obscurecido), que eu desconhecia em absoluto, tal e qual como a História oficial. Uma História que também tem os seus pudores. Porque os vencedores, que são quase sempre os que a contam, se não têm remorso, têm, por vezes, alguma vergonha. É o episódio da matança, ali no território de Nisa, dos pastores da Covilhã, às mãos de alguns tenebrosos cavaleiros templários e de uns quantos homens provenientes de Castelo Branco. Os pastores, em transumância, quiseram atravessar o Tejo com o seu gado, e conseguiram-no. Mas eram perseguidos pelos cavaleiros do Templo, que na altura dominavam na região, e mais algum povo albicastrense, que os massacraram em certa zona de Nisa. As razões para este massacre, ocorrido possivelmente no século XIII, serão desconhecidas, mas não a sua verdade, depois de descobertas muitas ossadas concentradas de corpos humanos, que nem a sepultura digna tiveram direito. Acrescentaram os homens de Nisa que o rei português da época, depois de saber do caso, terá determinado por sentença a construção de uma orada e de sepulturas cristãs para os zagais. Pouco mais se conhece deste massacre, salvo que, no lugar, andaram a escavar há alguns anos arqueólogos da Universidade de Évora, e que estes encontraram mesmo os ossos dos corpos de muitas pessoas amontoados. Seriam dos mártires zagais? Não é certo, mas é muito possível...

O novo percurso, que segue lado a lado com o fascínio, às vezes poluído, do Tejo, que ali delimita a Beira Baixa do Alto Alentejo, parece ter ainda as marcas de uma certa Nisa que outrora moldou a vida de muitos caminheiros, que ali eram contrabandistas. O contrabando

noturno de café e de outras alegrias periódicas e subversivas era o modo de existência possível nestas terras raianas e pobres. E há que recordar ainda o outro lado andarilho de Nisa, o de terra por onde passava dantes a transumância, a vida errante dos pastores (como os do provável massacre atrás referido) que nas invernadas deixavam as serras da Estrela e da Gardunha, e calcavam com os seus enormes rebanhos ora por caminhos abertos, ora por canadas, a distância que os separavam dos pastos que, no Alentejo, os podiam levar até longe, até onde a fome do gado morresse. Era entre Vila Velha de Ródão e Nisa que os zagais e os animais transpunham o Tejo, seguindo depois para sul, onde moldavam a paisagem, levantavam o pó e chegavam até onde chegassem as pernas, os pastos e a necessidade.

### Trilhos antigos até uma Nisa diferente

E eis a oportunidade de, estando em Nisa, dirigirmos algumas passadas às genuínas singularidades do concelho. Coisas que lhe moldam uma identidade que não se apaga: a sua olaria regional pedrada, os alinhavados e bordados e um queijo tão bom que comê-lo só pode ser crime ou pecado. E não é por ser de produção muito reduzida, quase artesanal, que deixa de ser um dos melhores do país, da Europa e do mundo. Encontram-se assim nestas caminhadas, nos percursos oficiais e fora deles, duas características marcantes: um andar firme e persistente, herdado dos contrabandistas e dos pastores transumantes, e um artesanato paciente, demorado, que se faz devagar, como tudo o que se faz com gosto, à mão, com saber, precisão, método e à margem da produção industrial, da prensa e dos grandes números. Colocar minúsculas pedras de quartzo, uma a uma, sobre uma linha traçada no barro de uma bilha ou de uma cantarinha que se acabaram de moldar, ou bordar colchas, que demoram mais de um ano a fazer, são atividades que já não pertencem ao nosso tempo, mas pertencem ainda ao tempo de Nisa.

No fundo, todas estas realidades ou memórias – o Tejo, as caminhadas (já com vários roteiros estabelecidos), o contrabando, a transumância e a pastorícia e os artesanatos – moldam uma paisagem (que também inclui os incríveis blocos pedunculados de granito e os antigos muros apiários) – e tudo se conjuga num elevado potencial turístico diferenciado. E a prova de que estar-se no Interior não há de ser sempre uma fatalidade geográfica e uma tragédia nos censos. O paradigma, um dia, mudará, se se souber atrair o investimento privado e a administração central passar a contemplar a “paisagem rural” com outros olhos, não recorrendo a ela apenas para adornar discursos. Claro que para isso os municípios devem apostar na sua identidade e carácter, naquilo que os diferencia. E Nisa tem-nos. Mas é necessário sensibilizar os jovens, rapazes e raparigas, para a aprendizagem dos seus artesanatos, certificá-los, dar-lhes uma maior divulgação e talvez promover uma maior aproximação a novos designers, que possam juntar a inovação à tradição.

Há sempre em Portugal aquela ideia de que o prego que fica com a cabeça saliente, à vista e fora da tábua é o primeiro a levar com uma martelada. Isso leva-nos a procurar a uniformidade, o indiferente e o homogéneo, a sermos indistintos dos outros. Isto poderá ser bom num desfile castrense em que se exhibe um regimento militar ou num juramento de bandeira, mas não no exigente e cada vez mais competitivo turismo do século XXI.

### No mundo de António Louro e da cerâmica pedrada

António Louro, 72 anos de idade e 62 de ofício, é um dos três últimos oleiros em atividade da celebrada cerâmica pedrada de Nisa, profissão que o escolheu, tanto por o seu pai já se dedicar à olaria, como pela proximidade e pelo gosto que ainda muito jovem foi nutrido pelo barro e pela sua modelagem. “Eu sou oleiro praticamente desde que nasci, e já quando andava na escola eu brincava com o barro. Quando saí, na quarta classe, comecei o ofício ao pé do meu pai. Nessa altura, quando deixávamos a escola, uns iam para ferreiros, outros para eletricitistas, outros para carpinteiros, e eu fui naturalmente para oleiro”, diz António Louro, que ainda hoje se dedica à cerâmica, partilhando a atividade com o trabalho no campo e com uma loja em Nisa, onde vende o seu artesanato vermelho e os bordados locais.

A forma de modelar e produzir as bilhas, cântaros, cantarinhas e as outras peças de barro continua a ser a tradicional, a mesma



A OLARIA PEDRADA DE NISA

que quando começou a aprender com o pai na velha olaria, que se tornaria numa escola “Fazemos as peças ainda da forma tradicional. As únicas diferenças são que agora para mover a roda [do oleiro], em vez de se dar com o pé, é com um motor elétrico; e o forno [para cozer o barro], em vez de ser a lenha, é a gás”, esclarece o oleiro que tem ao lado a companhia da esposa, Maria da Graça Louro, responsável pela decoração e por colocar as pedrinhas brancas de quartzo da serra local em artísticos desenhos florais sobre o barro. Como matéria-prima, o oleiro mistura dois tipos de barro da região, um “barro branco” e um “barro preto”, mais gorduroso. Têm qualidades diferentes, um único barro produziria recipientes sem qualidade nem valor. Mas a união dos dois, em proporções que a experiência lhe foi ditando, produz obras-primas à vista e ao gosto, dentro do melhor artesanato popular português

Este curioso artesanato teve a sua época de ouro nas décadas de 1960 e 1970, e as estações de caminhos de ferro da linha da Beira Baixa entre Abrantes e Castelo Branco eram, nos verões escaldantes e com os comboios apinhados de gente que sufocava com o calor nas carruagens puxadas a locomotivas a vapor ou a diesel, os seus pontos de venda imbatíveis. “Eu e o meu pai fazíamos nessa altura 80 peças por dia, e iam vendê-las, sobretudo no verão, para as estações de Alvega/Ortiga, Belver, Barca d’Amieira, Fratel, Vila Velha de Ródão e Castelo Branco. Nessa época, eram 12 os oleiros de Nisa a trabalhar, e dividíamos os nossos locais de venda uns com os outros”, recorda António Louro, notando que “depois apareceu o plástico, e o negócio das bilhas declinou”.

Eu, que ainda em criança e indo passar as férias à Beira, testemunhei toda a azáfama dos oleiros/aguadeiros nas estações e, sobretudo, o paladar especial daquela água fresca vinda dos deuses para aplacar a sede na carruagem, recordo ainda todos aqueles braços no ar às janelas, à porta das carruagens ou mesmo no gare para dar bilhas, barris de duas asas, cântaros e cantarinhas, a receber notas e a devolver as moedas de troco.

“De março a junho trabalhávamos para o monte, pois no verão saía tudo”, sintetiza António Louro para dar a ideia do frenesim de então em redor das avermelhadas peças de cerâmica nisense, admiradas primeiro pela água pura e fresca, e depois, pela sua função de objeto decorativo e fascinante. Em média, cada peça, habitualmente com duas aberturas – uma para introduzir a água, a outra para a beber – é feita por António Louro em 20 a 25 minutos. As pedras brancas, que a esposa introduz para fazer o rendilhado e completar o trabalho, podem ser de qualidades diferentes, consoante o seu tamanho médio. “Com as pedras de primeira, as mais pequenas, de diâmetro entre um e dois milímetros, faz-se um rendilhado mais pormenorizado e perfeito”, sublinha o oleiro, que hoje vende o seu artesanato, com peças mais trabalhadas e de vários tamanhos e modelos, numa loja da vila do Alto Alentejo, onde também comercializa os alinhavados e bordados. “Com as bilhas de Nisa, a água pura tem outro paladar. Ainda hoje é assim, mas como a água das torneiras tem alguns produtos químicos, ao fim de um certo tempo a bilha começa a queixar-se...”

António Louro recebeu a olaria como legado do pai, mas os seus filhos, hoje já adultos, não quiseram seguir o mesmo caminho. “Hoje, talvez os puxasse para continuar...”. Mas ele e Maria da Graça continuam. “Parar é morrer”, garante.